A pintura, enquanto exercício plástico de uma prática de representação, fundamenta-se no artifício de uma imagem-simulacro, que falsifica o real e projeta uma nova realidade no espectador. A continuidade do exercício da prática da pintura decorre da progressiva emancipação da intencionalidade do sujeito-autor e da desconstrução do lugar que a pintura ocupa, no processo de produção, exposição, validação e na interpretação fundada na construção mental do espectador.

A perda da autoridade e da "aura", subjacente ao objeto artístico, possibilitou a formação de um novo poder, aparentemente mais democrático, mas, por antítese, assente numa prática discursiva alegórica, preterindo a inteligibilidade da história, em favor da apropriação de imagens e de linguagens plásticas formadoras de poder.

A lógica panfletária apresentada no trabalho *"Lancem ideias àqueles que criticam [a Ciência] ou a Literacia na Era da Pós-Verdade"* (Goes, 2023) pretende convocar o espectador à discussão sobre o questionamento da clarividência científica e sobre a formação de uma ideia de pós-verdade, determinada pela proliferação de informação/desinformação, pelo mediatismo/imediatismo e pela apropriação destas narrativas por parte dos populismos ideológicos, neototalitários.

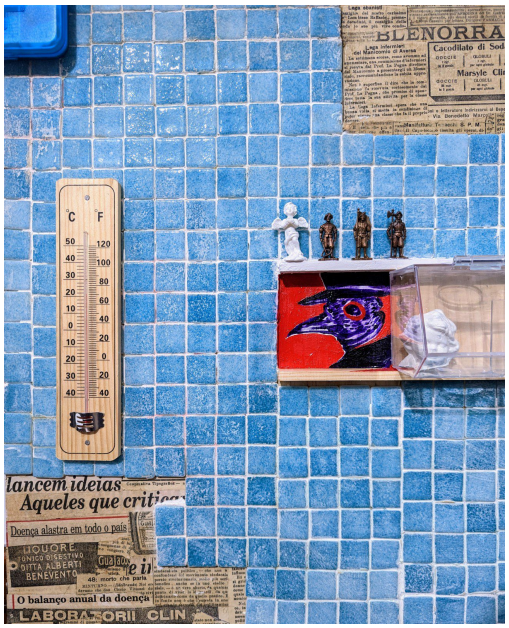
Neste objeto-pintura, especificamente desenvolvido para a exposição *"Literacia faz bem à Saúde"* – projeto artístico de cooperação entre a Sociedade Portuguesa de Literacia em Saúde (SPLS) e o Museu Nacional de Arte Contemporânea (MNAC) – que será apresentado ao público no próximo mês de março (2023) na Galeria PeP do MNAC, no âmbito do projeto nacional [Portugal entre Patrimónios] – pretende-se reconstituir um ambiente clínico-laboratorial, com alusões às antigas farmácias e sanatórios e proporcionar ao espectador uma perspetiva histórica do avanço da ciência e da desconstrução dos mitos, nomeadamente, aqueles afetos à religiosidade popular.

Para o simulacro deste espaço/ambiente, onde prolifera representações do mito, faz-se uso da apropriação e assemblagem de objetos do quotidiano, a colagem de recortes da imprensa italiana e portuguesa dos inícios do século XX até à contemporaneidade e a representação iconográfica da morte e a pintura sobre tela e madeira são alguns dos meios e suportes que

materializam o objeto-pintura.

Expõem-se e relacionam-se os conceitos de relicário, *memorabilia, cabinets de curiosités,* memória e pós-memória. A fragmentação do pensamento e das imagens (as crenças, os remédios e "mezinhas", a automedicação, as drogas, o álcool), a representação do mito e da religiosidade popular (arcanjo São Rafael), o animalesco, signos da morte e do mal (o corvo, o abutre, a coruja), as "fake news", a sátira, o burlesco, a apologia à ignorância (representadas pelo asno), constituem determinismos à razão e à ciência e perpetuam os obstáculos à decisão informada e à literacia em saúde.

Em tempos de novos mitos, pós-verdades, metanarrativas e metalinguagens, a (des)legitimação da prática autoral, a não sistematização dos processos de validação dos objectos pictóricos, o criticismo histórico e a efemeridade da arte, inerentes às práticas *pós-duchampianas*, tornaram-se inevitáveis para os artistas, público e para as instituições museológicas. A incomensurabilidade da prática artística decorre, talvez de forma inevitável, da mitificação da sociedade contemporânea, do próprio processo interpretativo, do trabalho de literacia e da aproximação ou confronto com o real.



METARSILE
MENARINI
RICOSTITUENTE SICURO
TOSSE OSTINATA
CHININA LOMBARDI VERA
La Tisi o Tubercolosi polmonale
Vini Toscani del Chianti
Guido Bavastro
Vasca A. Lapi
DONNE
BLENORRAGIA
Cacodilato di Soda Clin
Marsyle Clin
Metalli Colloidali
DARKNESS
TRISTITUDE
no infer
médicos
ceber até
coração
olver os
já
ição
Cadaveri, intrighi e
'bloom' em S
le ultime ore de
E, numa das ba
não aguentei"
Máscaras deixam de
confessa-se im
(controverso)